



CLARICE LISPECTOR: O SIMULACRO DE PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO DO/NO COTIDIANO FEMININO.

Roselene de Fátima Coito

RESUMO: Esta pesquisa tem como intuito partir da leitura do livro *Perto do coração selvagem*, primeiro livro de Clarice Lispector, para discutir o discurso artístico de Clarice Lispector, a literatura e a pintura, como simulacro, conceito advindo de Michel Foucault, neste trabalho. Tendo em vista que o simulacro é produzido pelos jogos de interpretação, em que há só um sujeito que fala, o livro, o qual, para o filósofo francês é um feixe de relações, buscaremos a partir da interpretação de *Perto do coração selvagem*, e alguns contos, e de algumas telas de Clarice Lispector estratégias de construção das práticas de subjetivação do/no cotidiano feminino. Para tanto, utilizar-nos-emos como metodologia de pesquisa a bibliográfica – livros, teses, trabalhos acadêmicos em geral e sites, os quais poderão contribuir para uma reflexão mais densa do trabalho clariciano com as artes. Por isso, temos como objetivo principal iniciar um estudo mais voltado para a história da leitura como um gesto do ler leituras de leitores-autores quando se posicionam, mesmo na arte e pela arte, como sujeitos-sociais que podem estar e entrar na *ordem do discurso* para dela se desfazerem e promoverem uma outra ordem.

PALAVRAS-CHAVE: Simulacro; Práticas do cotidiano; Práticas de subjetivação

INTRODUÇÃO

Trabalhar com a obra - no sentido de *opus* - clariciano requer desprendimento do equilíbrio estabelecido pelo discurso vigente, pois Clarice Lispector indaga-se e indaga seu leitor, por meio das personagens, sobre o cotidiano nos seus meandros mais óbvios e, ao mesmo tempo, mais delicados – e por isso, menos desejados - do saber-se no mundo.

Neste complexo universo clariciano buscamos uma relação do cotidiano como uma prática de subjetivação dos sujeitos sociais, ou seja, como os sujeitos sociais representados na arte – literária e plástica – revelam as condições de produção de dizeres que, em contextos variados, assumem novos e/ou diferentes significados. Tendo em vista que estes novos e/ou diferentes significados constroem novos modos de ler e de ver, podemos dizer que os mesmos constroem histórias de leituras as quais se dão no gesto do ler. É neste gesto que discutiremos o conceito de simulacro a partir do conceito de práticas do cotidiano, o qual advém do historiador Michel De Certeau e práticas de subjetivação do filósofo Michel Foucault.

Esses dois conceitos, que não se encontram teoricamente mas que tem viabilidade complementar, podem também desvelar o quanto o discurso artístico – seja ele literário ou não – transgride as normas vigentes da sociedade ao tratar de conceitos tidos como verdadeiros e imutáveis, pois que ao se utilizar da língua para produzir, por meio da linguagem, discurso literário, o sujeito que está preso aos sistemas coercitivos, como o próprio sistema lingüístico, burla-os, subverte-os, na ordem do seu próprio discurso. Por isso, faremos também um encontro deste texto, e eventualmente de outros de Clarice, com algumas telas que ela pintou, mesmo tendo consciência de que a linguagem plástica

e a simbólica do real são representações que envolvem interpretações específicas. Portanto, nosso objetivo não é estudar, neste momento, as especificidades da linguagem plástica de Clarice Lispector, mas confrontar as representações do cotidiano feminino nas duas linguagens. Com isso, esperamos averiguar as práticas de subjetivação do cotidiano feminino clariciano sem perder de vista que a escritura de Clarice situa-se num fio tenso entre o tradicional e o moderno, tal qual a construção do discurso das e sobre suas personagens femininas. E nesta construção - discursiva e plástica - buscaremos o redimensionamento e a reconfiguração dos espaços da mulher, espaços estes que podem metaforizar relações de saber e de poder, ainda na sociedade contemporânea, de acordo com Foucault, ao mesmo tempo em que, a percepção moderna de espaço, para o filósofo alemão Immanuel Kant, nasce na esfera da pintura, fruto da invenção, da técnica, da perspectiva e do ponto de fuga”, o que se pode concluir que o espaço é o lugar metaforizado no discurso e na linguagem plástica em que as práticas de subjetivação se colocam em evidência.

MATERIAL E MÉTODOS

Nossa pesquisa se dá em três etapas de elaboração e reflexão, quais sejam:

No primeiro momento da pesquisa, voltar-nos-emos para o cotidiano feminino no texto *Perto do coração selvagem* e, a partir dele, buscaremos em outros textos de Clarice – contos – as representações do cotidiano. Por isso, estaremos discutindo teoricamente o conceito de práticas do cotidiano de Michel De Certeau e o deslocando conforme o avanço das análises.

Já **no segundo momento**, faremos um levantamento – internet, livros, bibliotecas, jornais, revistas ou outro qualquer material - de telas que Clarice Lispector pintou. Feito o levantamento, selecionaremos algumas telas e as analisaremos em confronto com os textos lidos e analisados no primeiro momento.

E, finalmente, **no terceiro e último momento**, discutiremos a história da leitura construída a partir de práticas de subjetividades do e no cotidiano feminino representadas no discurso literário e nas artes plásticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por entender que a pesquisa em questão não faz parte de um resultado que vem de uma epistemologia cartesiana, o resultado da mesma é um aprofundamento do conhecimento da produção clariceana e a divulgação de suas facetas como artista das letras – literária e jornalística - e da cor – pintora. Esta divulgação não é gratuita, pois que a sociedade não se constitui e não se constrói apenas com saberes que lhe respondem imediatamente.

A arte, seja ela qual for, é um saber e como tal faz parte de uma construção cultural que dá sustentabilidade aos sujeitos sociais. Esta sustentabilidade, a qual vem não da vontade de verdade preconizada pela ciência lógica, mas da vontade de potência - Friedrich Nietzsche, em seus postulados filosóficos – propicia ao saber da ciência instituída como lógica uma possibilidade de acontecimento nunca antes sonhada. Em outros termos, entender o cotidiano por meio da arte é entender como são as estratégias de construção de representações sociais, que cristalizam formas de saber e de poder sobre os sujeitos.

Contrário do que muitos pressupõem, o estudo da arte permite perceber como os sujeitos se colocam no social e como representam este social – ou ainda, como do social tem representações. Também é possível, pelo estudo da arte, materializada na língua ou na forma-cor, entender os mecanismos de resistência ao posto, ao estabelecido, fato este que revela a dessacralização e a descristalização da ordem vigente.

Por isso, o estudo do simulacro – entendido aqui como estratégias possíveis e passíveis de interpretação – da prática de subjetivação do cotidiano no e do feminino, espera como resultado a reflexão sobre os discursos que circulam na sociedade, e, quiçá, desta reflexão, novas maneiras de se ler/ver o eu no mundo, eu no outro e o outro no eu.

CONCLUSÃO

Sem grandes pretensões, esta pesquisa se propõe a entender a leitura discursiva e plástica como algo muito mais complexo do que compreensão e interpretação de texto(s), tendo em vista que os vários suportes que circundam à e circulam na sociedade “determinam” a posição política dos sujeitos sociais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, J. *Modos de ver*. Trad. Lucia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros – Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COITO, R. F. *Uma leitura inquieta: o leitor infantil nos mistérios de Clarice Lispector*.

TESE DE DOUTORADO – defendida em abril de 2003, UNESP – Campus Araraquara – SP, sob orientação da Professora Doutora Maria do Rosário de F.V. Gregolin.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria – Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P.B.Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2001

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1 – Artes do fazer*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

____. *A invenção do cotidiano II: Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996

FOUCAULT, M. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Organização e Seleção dos textos Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Coleção Ditos & Escritos III.

FRAISSE, E et al. *Representações e imagens da leitura*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.

